

# REVISTA MARACANAN

Artigo

## Expansão da fotografia no interior paulista no começo do século XX

*Expansion of photography in São Paulo at the beginning of the 20<sup>th</sup> century*

**Andresa Poleis Brollo\***

Universidade Estadual Paulista  
Assis, São Paulo, Brasil

**Eduardo Romero de Oliveira\*\***


Universidade Estadual Paulista  
Rosana, São Paulo, Brasil


**Recebido em:** 24 ago. 2021.

**Aprovado em:** 04 fev. 2022.





\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Assis. Graduada em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. E-mail: andresa.brollo@unesp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-3439-9107>

 <http://lattes.cnpq.br/8087505012843522>

\*\* Professor Associado da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Rosana, graduação em Turismo. Doutor em Filosofia e Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo; graduado em História pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Livre-Docente em Patrimônio Cultural pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: eduardo.romero@unesp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1287-4798>

 <http://lattes.cnpq.br/6385564645445607>

## Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar um levantamento da fotografia no estado de São Paulo no começo do século XX, buscando identificar principalmente os fotógrafos do interior. As fontes escolhidas para o levantamento foram: periódicos, almanaques e estatísticas do período de 1890 a 1930. A pesquisa online por palavras-chave como "photographo" e "photographia" realizadas nos periódicos e almanaques da Biblioteca Nacional Digital e a estatística industrial de 1912 de São Paulo possibilitaram uma análise quantitativa e qualitativa de fotógrafos. Por meio destas fontes foi possível saber, em muitos casos, o nome, a cidade, o endereço e, com maiores detalhes, os trabalhos que os fotógrafos realizavam. Com o cruzamento das informações, verificamos o aumento significativo de fotógrafos na capital e a distribuição desigual pelas cidades do interior. Sobre as atividades dos fotógrafos, encontramos uma grande variedade de campos de atuação e um aumento nas demandas de atividades já conhecidas.

**Palavras-chave:** História da Fotografia. Fotógrafos. São Paulo.

## Abstract

This article aims to present a survey of photography in the state of São Paulo in the early twentieth century, seeking to identify mainly the photographers in the countryside. The sources chosen for the survey were: periodicals, almanacs and statistics from 1890 to 1930. The online search for keywords such as "photographo" and "photographia" carried out in the periodicals and almanacs of the Biblioteca Nacional Digital and the 1912 industrial statistics of São Paulo enabled a quantitative and qualitative analysis of photographers. Through these sources it was possible to know, in many cases, the name, the city, the address and, in greater detail, the work that the photographers did. By cross-referencing the information, we could verify the significant increase of photographers in the capital city, and the unequal distribution among the inland cities. Regarding the activities of the photographers, we found a great variety of fields of activity and an increase in the demands of already known activities.

**Keywords:** History of Photography. Photographer. São Paulo.

A fotografia como objeto de pesquisa do historiador tem sido estudada através de diversas linhas de investigação pelos pesquisadores do Brasil, cada um partindo de um objeto e uma metodologia. Alguns dos mais importantes pesquisadores sobre fotografia já procuraram identificar fotógrafos e aspectos da atividade fotográfica no Brasil (quando, onde e o que faziam), muitas vezes permeando sua análise com aspectos formais ou visuais da fotografia. Kossoy (2002) propõe a análise de fotografias partindo da iconografia e da iconologia propostas por Panofsky e trabalha com o levantamento dos fotógrafos e ateliês do país no século XIX. Seguindo nesse recorte temporal, Turazzi (1995; 2006) se refere à fotografia presente nas exposições universais deste século e, em outro trabalho, analisa as fotografias de engenharia da reforma da Avenida Central do Rio de Janeiro. Já Muaze (2009), analisa a sociedade através dos retratos produzidos durante a época no Império e Leite (1993) analisa álbuns de famílias imigrantes. Oliveira (2018) analisa as fotografias da construção de estradas de ferro pelo ponto de vista técnico, como fotografia de obra, e Lima e Carvalho (1997) por meio da análise de álbuns comparativos da cidade de São Paulo no início do século XX, constroem um conjunto de descritores icônicos que é referência até hoje. É importante citar ainda alguns autores como Fabris (1991a; 1991b; 2020), que propõe uma discussão entre as relações do sistema de artes plásticas e o surgimento da fotografia no século XIX, além de pesquisar a fotomontagem no Brasil no início do século XX; Menezes (2003), que traz propostas cautelares para a análise da imagem, partindo da sua visualidade para analisar a sociedade; Mauad (2008), que desenvolve uma abordagem complexa que une a história com a semiótica para analisar as fotografias; e Schiavinatto (2017), que trabalha seus objetos de pesquisa dentro da agenda da Cultura Visual, como, por exemplo, o intelectual e fotógrafo Hercule Florence.

Vale citar ainda, do ponto de vista mais detalhado da identificação de fotógrafos locais, o levantamento de fotógrafos que atuaram ou passaram por Ribeirão Preto, começando pela chegada do primeiro fotógrafo na cidade até o ano de 1950, realizada por Registro (2006) no Arquivo Público e Histórico da cidade. Também há o trabalho desenvolvido por Goulart e Mendes (2007), que analisa as propagandas de fotógrafos nos jornais do século XIX, trazendo aspectos do trabalho e das ferramentas que eles utilizavam. Ribeiro (1994; 2003), em sua pesquisa, analisa fotografias da vida social do Brás e entrevista descendentes de italianos que rememoram os fotógrafos italianos que atuaram no período de 1920 a 1930. Posteriormente, a pesquisadora se dedica a analisar o trabalho de fotógrafos profissionais e de amadores que atuavam em Campinas no começo do século XX. Cavenaghi (2004) estuda a colonização do interior paulista através da fotografia e cartografia produzidas durante o século XIX. O autor destaca, ao final de sua tese, a cidade de São José do Rio Preto, cuja história social procura recuperar, investigando também quem eram os possíveis autores das fotografias, que atuaram na região no início do século XX. Costa (2015) estuda a história da cidade de Araraquara através dos registros

fotográficos do Museu da Imagem e do Som “Maestro José Tescari” e de arquivos de famílias de fotógrafos. Helouise Costa (2021) estuda as mulheres fotógrafas das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo da primeira metade do século XX.

Há levantamento regionais de conjuntos fotográficos que já foram realizados antes em outros estados, seja por fontes periodistas realizadas por Arruda (2014) e Dazzi (2012), de fundos de arquivos como os de Lacerda (2012), Ciavatta (2012), Neponoceno e Grigoletto (2020). Contudo, não é possível realizar em todos os estados levantamentos como os que já foram realizado no Rio de Janeiro; em São Paulo, por vários autores; no Paraná, por Camera (2018); em Recife, por Malta (2011); e, em Porto Alegre, por Stumvoll (2008), nem a respeito de todos os períodos por falta de documentação mais ampla; daí as fontes estatísticas ou periódicas são oportunas para estudos gerais e/ou massivos. O levantamento extensivo poderá auxiliar no aprofundamento desses estudos autorais ou de acervos – como é o caso do trabalho em curso, do qual este artigo é parte – bem como na proliferação do trabalho fotográfico nas cidades do interior paulista, objetivo deste texto.

Através dos estudos aqui destacados podem ser conhecidos os aspectos da dimensão social e visual da sociedade brasileira que vai se construindo na época do Império e depois na Primeira República. Este artigo pretende contribuir para essa historiografia da fotografia elaborando um mapeamento e a caracterização do trabalho fotográfico, principalmente em cidades do interior de São Paulo, durante a Primeira República - em particular, por meio da quantificação de fotógrafos que atuaram no Estado através da análise de fontes como estatísticas, almanaques e periódicos da época, além da distribuição geográfica das cidades em que estabeleceram seus ateliês ou foram ambulantes, baseados nas mesmas fontes. Em seguida, espera-se detalhar aspectos do trabalho que os fotógrafos desenvolviam, buscando entender quais os serviços demandados desses profissionais no interior e na capital.

## Metodologia

A coleta de dados sobre os fotógrafos foi realizada através de consultas a diversas fontes. A primeira foi a Estatística Industrial de 1912 do Estado de São Paulo, disponível no Arquivo Público do Estado de São Paulo.<sup>1</sup> A segunda fonte foi o *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, disponível para consulta online na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional<sup>2</sup> - a pesquisa específica sobre o Estado de São Paulo foi realizada através da busca por duas palavras-chave: “photographia e “Estado de S. Paulo”. As duas palavras-

---

<sup>1</sup> SÃO PAULO (estado). Secretário de Estado dos Negócios do Interior, Repartição de estatística e arquivo do estado. Estatística industrial. São Paulo, 1912 (Manuscrito), 186p. Na estatística não constava os dados sobre a cidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Página: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

chaves não eram pesquisadas simultaneamente, mas, conforme apareciam, foi possível chegar na página que dizia respeito ao Estado de São Paulo. A pesquisa foi realizada levando em consideração os anos de 1906 a 1930 e esse recorte foi escolhido devido ao fato de Boris Kossoy (2001) ter consultado essa mesma fonte, mas pesquisando pelos anos de 1845 a 1905. As edições resultantes dessa pesquisa foram os anos de 1906-1911, 1913-1918, 1921, 1922, 1925-1927. A terceira fonte consultada foi o *Almanach da Comarca de Amparo*, na qual também foi pesquisada a palavra-chave "photographia". Os resultados encontrados foram os anos de 1903, 1907, 1909, 1912, 1914, 1918. A quarta fonte foram alguns dos periódicos do Estado de São Paulo disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A pesquisa partiu primeiro do período, depois do local e da palavra-chave. A seleção dos periódicos ocorreu com a pesquisa pela palavra-chave "photographo" com o objetivo de encontrar fotógrafos desconhecidos;<sup>3</sup> ou seja, os fotógrafos que já constavam no levantamento do Kossoy foram desconsiderados.<sup>4</sup> A primeira pesquisa considerou os anos de 1890 a 1899, porém não foi encontrado qualquer fotógrafo desconhecido. A segunda pesquisa, que considerou os anos de 1900 a 1909, trouxe como resultado os periódicos o *Correio Paulistano*, *Commercio de São Paulo*, *Jornal de Piracicaba*, jornal *Lavoura e Commercio*, *Correio do Sertão*, *O Gury*, *Vida Paulistana* e *A Lanterna*, entre outros, totalizando 372 ocorrências. Só o *Correio Paulistano* possuía 288 e todas foram verificadas. A terceira pesquisa, de 1910 a 1919, resultou em 508 ocorrências, trazendo novamente o *Correio Paulistano* com a maior parte delas. Dessa forma, optou-se por verificar apenas as ocorrências desse periódico nas pesquisas subsequentes, que buscou pelos anos de 1920 a 1930. A opção ocorreu devido ao entendimento, durante uma investigação superficial, de que os outros periódicos traziam muitas vezes informações já reproduzidas no *Correio Paulistano*, ou, como no caso da revista *A Cigarra*, principalmente com relação aos resultados apresentados na última década pesquisada, que não informava quem era o autor das fotografias reproduzidas; apenas comunicava que o fotógrafo trabalhava na revista.

Alguns periódicos como *A Gazeta* e *O Combate*, apesar de trazerem informações repetidas do *Correio Paulistano*, trazem também fotógrafos desconhecidos, mas que vão ser verificados futuramente. Durante o trabalho de verificação no *Correio Paulistano*, foi possível encontrar nos anos de 1926 1927 e 1928 o "Edital – Recebedoria de rendas da Capital-Imposto de Commercio e de Industria da cidade de São Paulo", que trazia os nomes de estabelecimentos comerciais divididos por bairros. É uma fonte muito importante para esta pesquisa, porém exige mais tempo de análise, pois a busca no texto não conseguiu identificar todas as vezes que a palavra

---

<sup>3</sup> A mudança da palavra-chave para "photographo" ocorreu devido à percepção, durante a pesquisa, de que essa traria mais resultados relevantes, apesar de as ocorrências da palavra-chave "photographia" serem maiores.

<sup>4</sup> Os fotógrafos que já constavam no levantamento de Kossoy foram acrescentados na planilha e há casos em que os jornais fornecem informações relevantes sobre fotógrafos que não constavam no levantamento do autor (KOSSOY, 2001).

“photographo” aparece - por deficiência na conversão da imagem e reconhecimento de caracteres. Dessa forma, será necessário verificar todas as páginas do jornal em que constam o edital. Tais resultados serão incluídos em uma pesquisa futura.

Os nomes dos fotógrafos eram encontrados principalmente nas seções de notas sobre o interior do Estado de São Paulo. Também apareceram em notícias, algumas na primeira página, sobre comitivas que partiam para inaugurar estações de trem, por exemplo, ou para conhecer lugares que estavam em obras. Em outras ainda, sobre requerimentos que os fotógrafos faziam para a prefeitura a fim de exercerem sua profissão, seja montando seu ateliê ou como ambulante. Foram considerados para a pesquisa apenas os fotógrafos profissionais; assim, não há menções a fotógrafos amadores, nem às suas atividades, como o fotoclubismo - que só toma forma por volta de 1926 em São Paulo; antes disso houve só duas tentativas que fracassaram no começo do século (CAMARGO & MENDES, 1992, p. 75). Observou-se ainda que as cidades citadas ao longo do artigo são as que foram encontradas nos resultados das pesquisas de palavras-chave e, por isso, nos mapas só são nomeadas algumas cidades do Estado. O intuito é mostrar especialmente a distribuição de ateliês de fotógrafos no Estado. Os nomes dos fotógrafos foram colocados em uma planilha do Excel, em que as informações foram divididas em colunas como cidade, nome, endereço, fonte e bibliografia. A bibliografia utilizada na planilha foram trabalhos como o de Kossoy (2001), Registro (2006), Cavenaghi (2004), Goulart e Mendes (2007) e Rodrigues (2014), entre outros, que traziam informações complementares sobre os fotógrafos. Com esse recurso foi possível cruzar as informações encontradas sobre os fotógrafos nas diferentes fontes consultadas.

## **Primeiro panorama geral de ateliês e fotógrafos em São Paulo**

Além de tentar entender quem eram esses fotógrafos e onde eles estavam trabalhando, também é necessário entender como era o trabalho deles. Segundo Turazzi (1995, p. 103), no século XIX a sobrevivência desses profissionais era garantida através de trabalhos paralelos; ou seja, os fotógrafos não conseguiam se manter apenas com os retratos, e os trabalhos fora do ateliê, como as vistas urbanas, da natureza, ou o registro de construções e estradas de ferro, que eram encomendados com menor frequência. Nos anúncios de jornais sobre fotografia é possível encontrar muitas informações sobre os fotógrafos, principalmente sobre as técnicas que eles utilizavam em seus estúdios; porém, os anúncios diminuem, mudam de formato, e no final do século passam a aparecer na página de classificados (GOULART & MENDES, 2007, p. 186).

Não se sabe se a dinâmica de trabalho dos fotógrafos continuou a mesma no início do século XX; mas, segundo Lima (1991, p. 70), só da cidade de São Paulo foram editados 20 álbuns até 1919, o que já demonstra uma mudança na procura por esse serviço, e a aceleração da comercialização de fotografias, segundo a autora, se inicia com Militão Augusto de Azevedo

em 1862, com o álbum comparativo de São Paulo. Com a informação a respeito do aumento na procura por essas fotografias de vistas urbanas, de natureza, ou edifícios, questiona-se como era a dinâmica para a produção dessas fotografias; se existia um contrato entre fotógrafo e quem encomendava o serviço ou se essas relações eram mais frouxas, pois, no trabalho com os álbuns comparativos da cidade de São Paulo feitos por Lima e Carvalho (1997), não se encontram referências sobre as autorias das fotografias em alguns álbuns desse período, apenas Guilherme Gaensly e Militão Augusto de Azevedo são referenciados - ou seja, fotógrafos muito conhecidos na época.

Essa comercialização de fotografias que começa a crescer traz outra perspectiva para se pensar os usos delas, além do uso privado ou familiar. Os cartões postais, por exemplo, eram a grande febre no final do século XIX e início do XX, o que contribuiu para a massificação da fotografia (FABRIS, 1991a, p. 33). Ao mesmo tempo, também surgem as revistas ilustradas que, com o uso delas, formam um novo gênero (CRUZ, 2013, p. 74). Um pouco mais tarde, as fotografias começam a ser impressas diretamente no jornal, sem a necessidade de processos intermediários através da autotipia. Os fotógrafos vendiam ou cediam suas fotografias ao jornal, mas ainda não havia um contrato de trabalho e na maioria das vezes a autoria não era citada (MADIO, 2007, p. 67). Porém, a presença de fotografias nos jornais ainda era limitada. O periódico *Estado de S. Paulo*, por exemplo, publicava em 1928 apenas duas páginas em rotogravura, tecnologia que aumentava a qualidade das fotografias, além do fato de que o equipamento fotográfico ainda não possibilitava o trabalho em reportagens diárias, que necessitavam de rapidez no registro, produzindo fotografias muitas vezes borradas (*Ibidem*, p. 67). Assim, este trabalho traz à ciência o nome de alguns fotógrafos que participaram do início do que seria o fotojornalismo em São Paulo, mas esse não era o foco principal das atividades deles no período contemplado nesta dissertação.

Outro uso da fotografia era o industrial ou o técnico, em que eram registradas a construção de estradas de ferro ou o início do seu funcionamento. Essas fotos eram encomendadas pelas empresas com o objetivo de acompanhar as obras e para fazer propaganda das empresas (OLIVEIRA, 2018).

No levantamento realizado para este trabalho, através do número relevante de fotógrafos encontrados e, quando disponível, das informações sobre as cidades em que trabalhavam, foi possível perceber como a profissão de fotógrafo havia crescido e se espalhado pelo Estado. Sobre o período de 1890 a 1895 foram encontrados 34 registros, sendo 31 fotógrafos e três estabelecimentos que forneciam materiais aos fotógrafos, com os quais alguns deles tinham ligações. Dos anos de 1896 a 1900 foram encontrados 40 registros, sendo três estabelecimentos de materiais fotográficos e 37 fotógrafos. Dos anos de 1901 a 1905 foram encontrados 47 registros, todos de fotógrafos. Dos anos de 1906 a 1910 foram encontrados 93 registros; dos quais dois referem-se a estabelecimentos que forneciam materiais para a atividade fotográfica e

cinco são de associações entre os fotógrafos - em alguns casos, eles eram irmãos. De 1911 a 1915 foram encontrados 162 registros, sendo dois de estabelecimentos que vendiam materiais para fotografia e seis de associações entre fotógrafos. De 1916 a 1920 foram encontrados 74 registros; sendo que um é de estabelecimento para artigos de fotografia e oito de associações. De 1921 a 1925 foram encontrados 152 registros; dos quais um é de estabelecimento para artigos de fotografia e 15 referem-se associações entre fotógrafos. De 1926 a 1930 foram encontrados 156 registros; sendo um de estabelecimento para artigos de fotografia e 12 de associações entre fotógrafos.

No *Almanak Laemmert* é possível acompanhar as sucessões de fotógrafos nos endereços e também a duração das associações, como é o caso de C. Scardini & Irmão que de 1908 a 1910 está situado na rua São Bento, número 26, e que de 1913 a 1914 C. Scardini aparece sozinho na rua Consolação, número 15. No *Correio Paulistano* (28 mar. 1913, p. 3), foram encontradas notas sobre Francisco Scardini, porém não foi possível estabelecer um parentesco com C. Scardini que, a partir de 1913, segundo verificado, desenvolveu atividades em Sorocaba e em São Paulo. Também existe o caso de Patiolo & Ricchiuti. Patiolo se associou a Caetano Ricchiuti, que estava no início de sua carreira como fotógrafo. Segundo verificado no *Almanak Laemmert*, a associação aconteceu entre os anos de 1908 e 1909. A partir de 1911, Caetano continuou trabalhando na rua Rangel Pestana, mas sozinho. Há casos em que é possível supor que os fotógrafos tinham alguma relação, como, por exemplo, Gino Ardenghi e Aurelio Becherini, que intercalam os anos em que aparecem no *Almanak Laemmert* na rua São Caetano, número 77.<sup>5</sup>

Assim, o levantamento realizado, neste primeiro momento, mostra que ao longo dos anos o número de fotógrafos atuantes no Estado de São Paulo aumentou significativamente. Sobre os anos de 1890 a 1895 foram encontrados 34 registros, e sobre o último período pesquisado, 1926 a 1930, foram obtidos 151 registros, um aumento de mais de 300% - o que, de certa maneira, comprova essa massificação do uso da fotografia pela sociedade indicada por Fabris (1991a) e o aumento da produção de álbuns de fotografias da cidade indicada por Lima (1991). Por outro lado, reforçando a importância deste levantamento, pode-se comparar o número de fotógrafos encontrados por Kossoy (2001) para os anos de 1900 a 1910 em São Paulo e o encontrado aqui. Enquanto o autor aponta 67 fotógrafos, este levantamento traz, para esse mesmo período, a existência de 134 fotógrafos atuantes - coincidentemente, o dobro de fotógrafos.

Outra observação importante é sobre as sociedades que os fotógrafos fizeram em alguns momentos - foi possível perceber que foram poucos os fotógrafos que trabalharam juntos, menos de 10%. Porém, sabe-se, através da sucessão de endereços e dos anúncios de fotografia, que os fotógrafos ensinavam o ofício em seus ateliês. Dessa forma, por mais que as relações entre

---

<sup>5</sup> Gino Ardenghi consta nos anos 1913, 1914, 1921 e 1922, enquanto Aurelio Becherini consta nos anos 1917, 1918, 1926 e 1927



os fotógrafos não estejam documentadas em estatísticas ou anúncios, é possível compreender que elas existiram.

### **Localização de fotógrafos e ateliês**

Da cidade de São Paulo entre os anos de 1890 e 1895, existem registros da existência de 23 ateliês de fotografia, localizados principalmente nas ruas do triângulo paulista, rua Direita, São Bento e XV de Novembro.<sup>6</sup> Porém, também existem, pelo menos, dois ateliês no Largo Sete de Setembro, um na rua Aurora e outro na rua do Gazômetro, que fazem parte do bairro do Brás. Saindo um pouco da área central da cidade, constam ainda outras dez ruas com pelo menos um ateliê cada. Pesquisando pelos cinco anos seguintes, são encontrados 18 ateliês na cidade, sendo que os das ruas do centro se repetem, com quatro ateliês nas ruas Direita e São Bento; que entre as outras 10 ruas consta a existência de apenas 1 ateliê e que de quatro estabelecimentos não foi possível saber o endereço.

Com relação aos anos de 1901 a 1905 foram encontrados registros sobre a existência de 25 estabelecimentos na cidade; de 13 deles não foi encontrado o endereço, mas, com relação ao restante, as ruas não mudam muito das citadas nos anos anteriores. Com relação aos ateliês existentes entre 1906 e 1910, foram encontrados 51 e de 14 deles não foi possível saber o endereço. Consta que na rua Direita existiam cinco ateliês nessa época; que nas ruas São Bento, São Caetano e XV de Novembro existiam três em cada e que na avenida Rangel Pestana e nas ruas Barra Funda e da Glória existiam dois ateliês cada. Existem ainda registros de outras 15 ruas com um ateliê em cada.

Dos anos de 1911 a 1915 constam 66 registros, sendo que de 13 desses não foi possível achar o endereço. O restante, entretanto, começa a se distribuir pela cidade. Na rua XV de Novembro havia 10 ateliês; na rua Direita, seis; na rua Consolação, quatro; na rua São Caetano e nas avenidas Rangel Pestana e Imigrantes são encontrados três ateliês em cada; nas ruas São Bento, Aurora e Glória são encontrados dois em cada e nas outras 21 ruas havia um ateliê funcionando em cada. Dos anos de 1916 até 1920 foram encontrados 51 registros; só na rua XV de Novembro havia cinco ateliês; na avenida Rangel Pestana e na rua Direita havia quatro em cada; as ruas Piratininga, Boa Vista, Barra Funda, Imigrantes, São Bento e Consolação possuíam três em cada; as ruas José Paulino, Largo Sete de Setembro, Barão do Itapetininga, Glória e as avenidas São João e São Caetano possuíam dois ateliês cada e as outras 22 ruas possuíam ao menos um estabelecimento em cada.

---

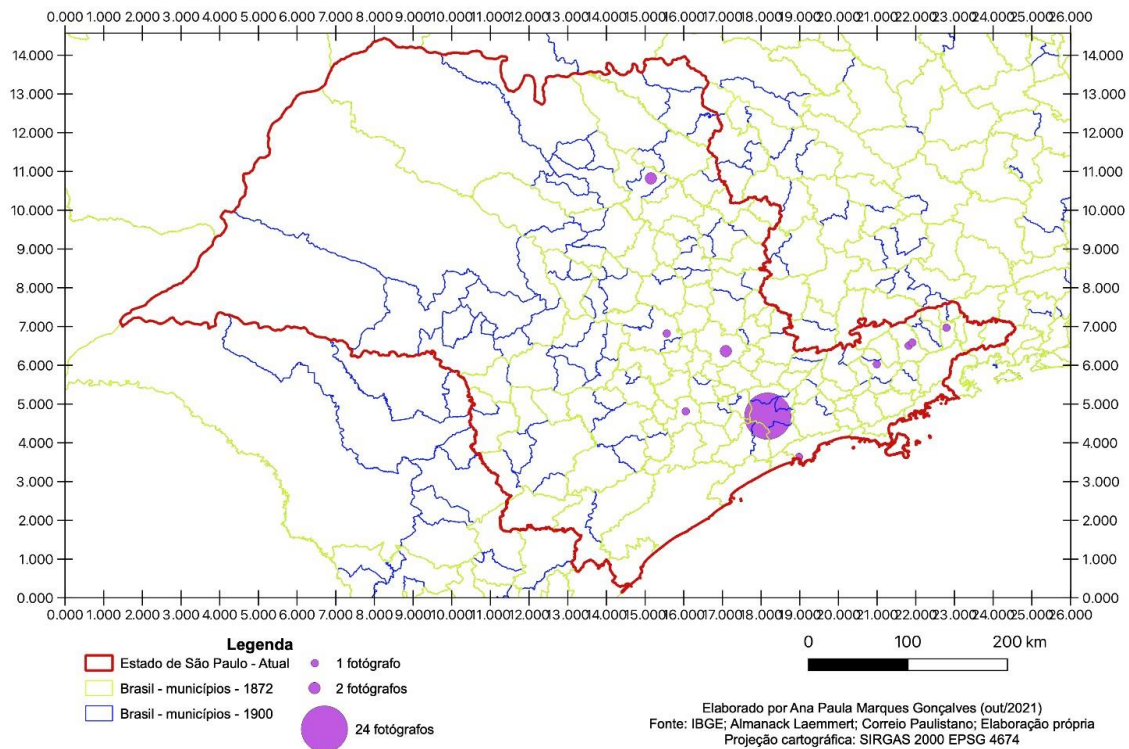
<sup>6</sup> Em alguns casos, supõe-se que o fotógrafo é da cidade de São Paulo devido ao endereço do ateliê, como rua Direita, São Bento, XV de Novembro etc.

Dos anos de 1921 a 1925 foram encontrados registros sobre 129 ateliês funcionando, sendo que de 53 desses não foi possível saber o endereço. Na rua Direita foram encontrados 10 ateliês; na rua XV de Novembro eram seis; as ruas São Bento e São Caetano e a avenida Rangel Pestana tinham quatro três ateliês em cada uma; a rua da Consolação e a avenida Celso Garcia tinham três cada e as outras 36 ruas possuíam ao menos um ateliê cada. Nos anos de 1926 a 1930 existiam 122 ateliês na cidade e, desses, não foi possível saber o endereço de 29. A rua Direita possuía, nesse período, oito ateliês; a avenida São João tinha sete; a rua XV de Novembro possuía seis; a rua São Bento tinha cinco; a avenida Rangel Pestana e as ruas São Caetano, Duque de Caxias e Aurora possuíam quatro ateliês cada; as ruas Piratininga e Santa Ephigenia tinham três ateliês cada e nas outras 34 ruas funcionavam ao menos um ateliê em cada uma.

Pode-se verificar a expansão da atividade fotográfica na capital através dos endereços dos ateliês: no início da década de 1890, os ateliês estavam localizados principalmente nas ruas do triângulo paulista. Ao final da década de 1920, não só o número de ateliês aumentou significativamente, mas também o número de ruas nas quais existia pelo menos um estabelecimento.

A presença de fotógrafos no interior do Estado é modesta no final do século XIX, se comparado à capital, mas a forma como se distribuíram é intrigante. Nos anos de 1890 a 1895, 12 ateliês estavam distribuídos pelas cidades de Campinas, Aparecida e Ribeirão Preto, que possuíam dois ateliês cada; em Guaratinguetá, Santos, Piracicaba, Sorocaba, Taubaté e Silveiras foram encontrados um ateliê em cada. Funcionando entre os anos de 1896 a 1900 existiam 25 ateliês. Há registros da existência de três ateliês em cada uma das cidades de Jundiaí, Piracicaba, Ribeirão Preto e Santos; em seguida consta que havia dois ateliês na cidade de Campinas; em Araras, Piedade, Piratininga, Araraquara, Iguape, Taubaté, Botucatu, Pindamonhangaba, Rio Claro, Casa Branca e São Simão tinham um ateliê cada.

**Figura 1** – Distribuição geográfica dos ateliês fotográficos em São Paulo (1890-1895).



Fonte: Elaborado por Ana Paula Marques Gonçalves, 2021

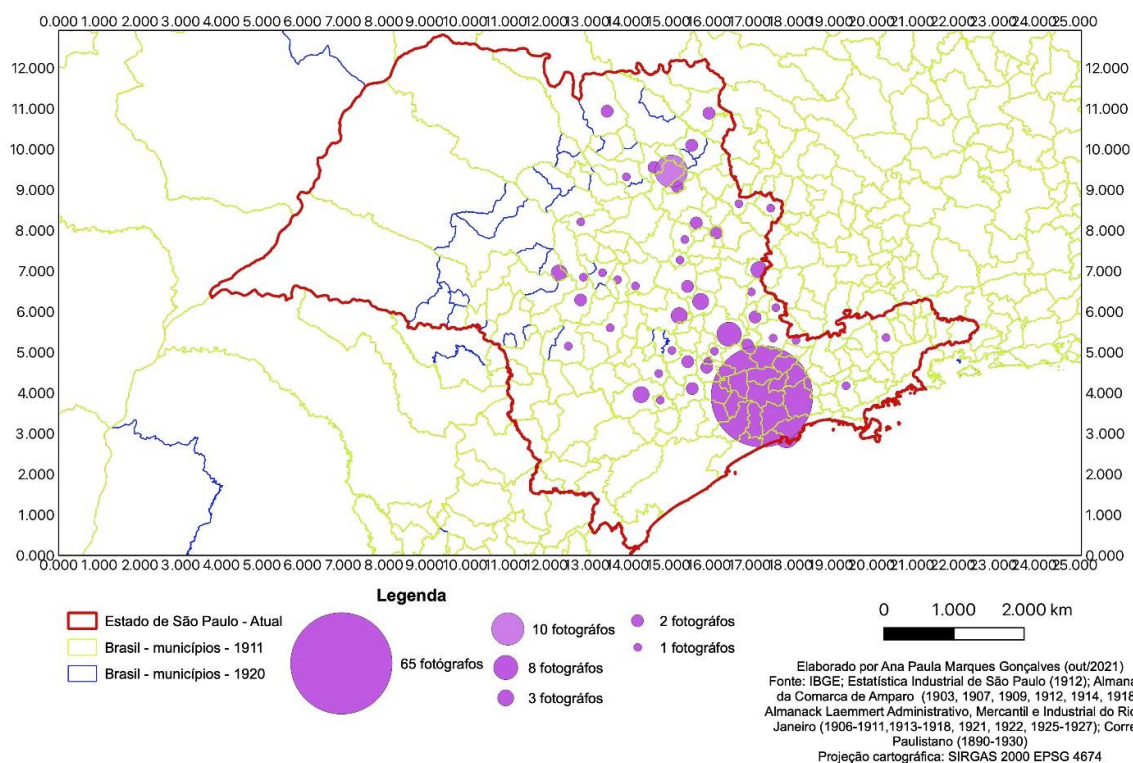
Consta que de 1901 a 1905 existiam 21 ateliês em funcionamento. Encontrou-se que em Piracicaba havia três; Lençóis, Campinas, Itatiba e Aparecida tinham dois ateliês em cada e outras 10 cidades tinham um ateliê cada.<sup>7</sup> De 1906 a 1910 foram encontrados 47 registros. De três deles não foi possível saber a cidade; Ribeirão Preto aparece com sete ateliês; Santos, Amparo, Campinas e São José do Rio Preto tinham três ateliês cada; em Limeira, Novo Horizonte, Aparecida e Monte Alto existiam dois ateliês em cada e outras 17 cidades tinham um ateliê cada.<sup>8</sup> Referente à década de 1910 pôde-se perceber um aumento significativo de registros. Isso ocorre devido à existência de uma fonte a mais a ser consultada, que é a Estatística Industrial de São Paulo de 1912. Dos anos de 1911 e 1915 foram encontrados 98 registros, mas de cinco deles não foi possível saber o endereço. Em Ribeirão Preto existiam 10 ateliês; Santos possuía oito;

<sup>7</sup> Santos, Limeira, Jundiaí, Sertãozinho, Casa Branca, Pederneiras, São Simão, São José do Rio Pardo, Brotas e Ribeirão Preto.

<sup>8</sup> Santa Rita do Passa Quatro, Itapetininga, Socorro, Pirassununga, Itu, Conceição da Barra Mansa (Morungaba, atualmente), Ibitinga, Santa Bárbara, Araraquara, Piracicaba, Taubaté, Jacareí, Franca, Bebedouro, Ribeirãozinho (atual Taquarituba), Guaratinguetá e Iguape.

Campinas tinha sete; Bauru, Limeira, Itapetininga, Piracicaba, Espírito Santo do Pinhal tinham três ateliês cada; Sorocaba, Amparo, Sertãozinho, Cravinhos, Itatiba, Lençóis, Palmeiras, Rio Claro, Santa Rita do Passa Quatro, Porto Feliz, Itú, Barretos, Batatais e Franca tinham dois ateliês cada. Constatam ainda 25 cidades com um ateliê cada.<sup>9</sup> Nos anos de 1916 até 1920, o número de ateliês existentes no interior do Estado volta à sua média anterior, com 21 registros. Ribeirão Preto tinha sete ateliês nesse período; em seguida tem-se Campinas e Amparo, com dois cada e outras 10 cidades tinham apenas um ateliê cada.<sup>10</sup>

**Figura 2** – Distribuição geográfica dos ateliês fotográficos em São Paulo (1911-1915).



Fonte: Elaborado por Ana Paula Marques Gonçalves, 2021

Na década de 1920 os dados são mais escassos. Dos anos de 1921 a 1925 foram encontrados 22 registros. Ribeirão Preto liderava com sete ateliês e outras 10 cidades possuíam um ateliê cada.<sup>11</sup> A respeito de cinco casos não foi possível saber em qual cidade estavam

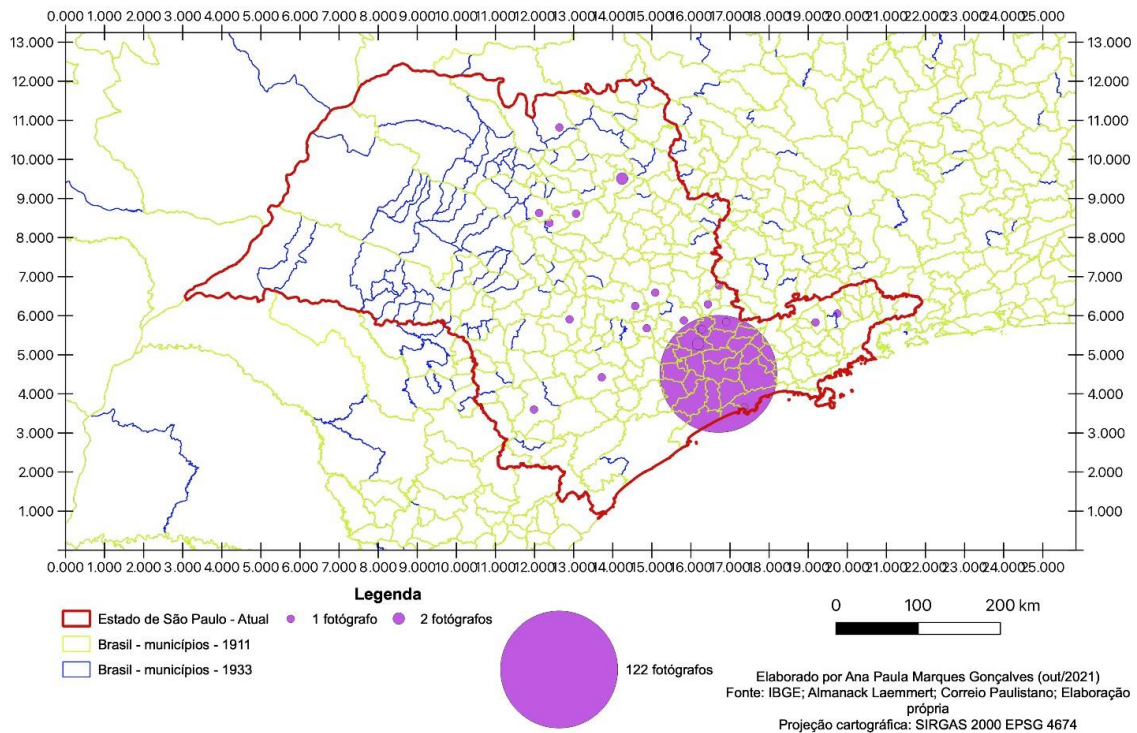
<sup>9</sup> Jundiaí, Itapira, Indaiatuba, Currallinho, Bragança Paulista, Torrinha, Pederneiras, Tietê, Aparecida, Salto de Itú, Anápolis, Avaré, Ibitinga, Jaú, Poços de Caldas, Botucatu, Caconde, Descalvado, Dois Córregos, Jaboticabal, Mococa, Paraibuna, Sapuí, Tatuí e Socorro.

<sup>10</sup> Piracaia, Tietê, Jundiaí, Sorocaba, Ibitinga, Olímpia, Boituva, Sertãozinho, Jacaré e Franca.

<sup>11</sup> Campinas, Batatais, Brotas, Socorro, Pindamonhangaba, Piracicaba, Lins, Sorocaba, Guaracy, Salto.

estabelecidos. De 1926 a 1930 encontrou-se que havia oito ateliês funcionando em Campinas; quatro em Ribeirão Preto; três em Jundiaí e outras 17 cidades tinham um ateliê cada.<sup>12</sup>

**Figura 3** – Distribuição geográfica dos ateliês fotográficos em São Paulo (1926-1933).



Fonte: Elaborado por Ana Paula Marques Gonçalves, 2021

Numa conclusão parcial, pode-se perceber que a presença de fotógrafos no interior paulista já é verificável no período anterior a 1890, como comprova o álbum organizado por Homem de Melo em suas viagens pelo interior, quando ele recolheu fotografias de Bananal, Silveiras, Pindamonhangaba e Taubaté (CAVENAGHI, 2004, p. 124). Há registros de 11 fotógrafos cujas informações são apresentadas por Kossoy (2021) e Borges (1990, *apud* REGISTRO, 2006), porém não há outros estudos que tragam mais informações sobre eles. A presença dos fotógrafos no interior é significativa ao longo do período pesquisado. Eles são, em média, 34% do total de fotógrafos no estado, porém, com relação aos anos de 1911 a 1915, a respeito dos quais, além da consulta aos almanaques e aos periódicos também foi consultada a Estatística Industrial de São Paulo de 1912, a média aumenta para 56%, sendo que nos anos seguintes a média volta para 30%. Evidentemente, explica-se o número elevado na década de 1910 em parte pela natureza da fonte estatística, mais detalhada em relação à fonte periodista. Apesar dessa ressalva metodológica, com a utilização dessa fonte estatística é perceptível que o

<sup>12</sup> Santos, Amparo, Bragança Paulista, Taubaté, Matão, Capivary, Itapeva, Itapetininga, Araraquara, Águas de Lindóia, Itatiba, Guaratinguetá, Itápolis, Olímpia, Limeira, Barretos e Botucatu.

número de fotógrafos no interior provavelmente é muito maior do que o que foi encontrado nas fontes e bibliografias consultadas; o fato de algumas cidades não serem citadas não significa a ausência de ateliês nelas. Acredita-se ainda que o número de ateliês nas décadas anteriores e posteriores pode inclusive estar subestimado. Dessa forma, são necessárias novas pesquisas para entender melhor os números encontrados.

Na cidade de São Paulo fica evidente o crescimento do número de ateliês ao longo dos anos: segundo os dados analisados, no início do século XX existiam 25 ateliês e no final da década de 1930 eram 122. Com relação às cidades do interior do Estado, em Campinas, Ribeirão Preto, Jundiaí, Santos e Piracicaba foram encontrados mais ateliês, porém em quantidade muito menor que a identificada na capital. O número máximo foram 10 ateliês em Ribeirão Preto de 1911 a 1915. Inicialmente, imaginou-se que o número de ateliês nas cidades tinha relação com o número total da população, pois a capital cresceu vertiginosamente nesse período e as cidades indicadas acima, exceto Jundiaí, estão entre as dez mais populosas do Estado no ano de 1912 (IBGE, 1916, v. 1, p. 345). Porém, como foi possível observar com relação aos períodos anteriores, a ocorrência de fotógrafos nas cidades não segue o percentual da população – Ribeirão Preto tinha o dobro de fotógrafos das outras cidades do mesmo tamanho e cidades bem menos populosas que Campinas tinham um ou dois ateliês. A explicação para os dados encontrados pode se dar, primeiro, devido à natureza das fontes utilizadas; isto é, elas não abrangem todas as cidades do Estado - sendo, assim, um problema metodológico. A segunda explicação pode ser por contingências sociais ou instabilidade da atividade fotográfica. De qualquer forma, são necessários estudos específicos verificá-las.

## **Diversidade de usos da fotografia no começo do século XX**

Foram encontrados múltiplos usos da fotografia durante esta pesquisa e, dessa forma, a exposição dos resultados se organizou em torno da atividade e como ela ocorria durante o período estudado. Iniciou-se a exposição com os dados sobre retratos e álbuns de vários temas, como família, cidade, obras e paisagens rurais e da natureza. O tópico seguinte é sobre exposições e os eventos sociais que os fotógrafos cobriam em trabalhos independentes ou para revistas ilustradas. Em seguida, são apresentados os dados sobre os fotógrafos ambulantes. Por último, são colocados os registros sobre o trabalho dos fotógrafos dentro de instituições, que é mais técnico ou mesmo científico, como, por exemplo, na Polícia, no Instituto do Butantã e nas missões da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo.

Como já dito na introdução, os anúncios dos fotógrafos em jornais no final do século XIX se alteraram quase que completamente e passaram para a página de classificados e, assim, as informações sobre as técnicas e os aparelhos fotográficos utilizados pelos fotógrafos não são mais de tão fácil acesso como anteriormente. Porém, ainda foi possível encontrar alguns

anúncios, como o de Joaquim Alves da Costa, que oferecia o trabalho de retoque de chapas e retratos ao natural por qualquer processo (Cf.: *Lavoura e Commercio*, 3 fev. 1900, p. 3). Já em almanaques ainda há anúncios e foi possível encontrar um de Frederico Frederighi no *Almanach da Comarca de Amparo* de 1918. Dessa forma, é importante ressaltar que as informações sobre a produção de retratos são poucas, o que não quer dizer que essa atividade diminuiu - inclusive, segundo Goulart e Mendes (2007, p. 186), "a atividade 'produtora' de retratos já tinha atingido uma dinâmica própria e regular no final do século XIX".

Sobre os álbuns, nos documentos analisados referentes ao período de 1890 a 1895, encontrou-se uma nota sobre o registro de vistas de obras, como a construção do Reservatório de Água da Cantareira, realizada por P. Doumet em 1893. Outro álbum importante dessa época é o produzido por Gustav Koenigswald, *São Paulo*, que reúne 100 imagens de nove fotógrafos. Segundo Cavenaghi (2004, p. 313) esse trabalho é "o pioneiro na representação do território do Estado de São Paulo e seu reconhecimento pelo uso da imagem". Dos anos 1896 a 1900, encontrou-se uma menção ao fotógrafo Luiz de Souza, de Piratininga, que é o autor de algumas das fotografias presentes no álbum de Campinas e no álbum da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas de São Paulo que reúne diferentes fotógrafos (REGISTRO, 2006, p. 121).

Dos anos de 1911 a 1914, uma nota do *Correio Paulistano* (7 abr. 1914, p. 3) informava que o fotógrafo Aroldo Egydio de Souza Aranha havia conseguido um auxílio da prefeitura de Campinas para imprimir na Suíça um álbum de vistas urbanas e rurais da cidade. Dos anos de 1916 a 1920, muitas notas de fotógrafos que faziam o quadro de formatura de escolas foram encontradas, como a que informa que o ateliê Frenzel & Schmidt havia conseguido fechar um contrato com as professoras da Escola Normal do Brás, e a de Ribeirão Preto, que dizia que o fotógrafo Aristides Motta fez o quadro da turma de bacharéis em Letras do Ginásio da cidade e o expôs em seu ateliê (*Ibidem*, 17 set. 1916, p. 2; 17 jan. 1917, p. 4). Essa demanda não era nova, pois desde o fim do século XIX eram realizadas fotografias de grupos de formandos, porém, pode ter aumentado nesse período (GOULART & MENDES, 2007, p. 146). Nessa década também foi produzido, por Filemón Pérez, o álbum do Cinquentenário da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. No ano de 1922, o fotógrafo Valério Vieira expõe seu panorama da capital de São Paulo, de 16 metros, na rua Direita, realizado com a ajuda financeira de 30 contos de réis dada pela prefeitura através da lei nº 2365, de 17 de fevereiro de 1921.<sup>13</sup> O panorama também estaria na Exposição do Centenário, tendo sido um grande feito para a época (*Correio Paulista*, 7 set. 1922, p. 40).

<sup>13</sup> SÃO PAULO. Lei n.º 2365, de 17 de fevereiro de 1921. Auctoriza a prefeitura a conceder ao artista brasileiro Valerio Vieira, o auxílio de 30:000\$000, para a confecção de uma photographia panoramica da capital, a ser exhibida por ocasião das festas do centenário.

A presença de mulheres na atividade fotográfica também despontou durante o levantamento. No ano de 1908, quando ocorreu a Exposição Nacional do Rio de Janeiro, 12 fotógrafos identificados participaram do evento. Dentre eles, estava uma mulher: Antonia de Freitas Silva, de Itu, que apresentou vistas do Rio Tietê, da cidade de Itu e de São Paulo (KOSSOY, 2001). Também há o registro da propaganda de Gioconda Rizzo, da Photographia Feminina, em 1910, filha de Michele Rizzo, importante fotógrafo italiano de São Paulo (GOULART & MENDES, 2007, p. 190). Segundo os autores, ela é a primeira mulher a frente de um ateliê. De acordo com Costa (2021), Gioconda ajudava no ateliê do pai desde pequena, tendo começado a fotografar aos 14 anos. Em seu ateliê, o pai da fotógrafa só a deixava trabalhar com crianças e mulheres, pois não queria que ela ficasse sozinha com homens. Nos bastidores, porém, Kossoy (2021) afirma que Elvira Leopardi Pastore colaborou assiduamente no ateliê de seu marido Vincenzo Pastore e, com o falecimento dele em 1918, ela assumiu o ateliê. Também existe o caso de Ella Itzel, que assumiu o ateliê Photographia Allemã após o falecimento do esposo, Alexandre Itzel. O nome da esposa consta em uma lista de impostos da cidade de São Paulo publicado no *Correio Paulistano* (18 jun. 1926, p. 9).

Outro tipo de registro encontrado é o de fotógrafos que trabalharam em eventos sociais, como, por exemplo, Amandier que registra as festas da cidade de Cantareira entre outros tantos eventos que foram encontrados do fotógrafo (*Correio Paulistano*, 9 dez. 1898, p. 2). Podemos relacionar essa cobertura de eventos com o fato de no início da década de 1900, surgem as revistas ilustradas, como, por exemplo, *A Vida Moderna* e *A Cigarra*, que seguiam uma estrutura parecida, trazendo variedades e muitos instantâneos fotográficos, chegando a ter 80 páginas (CRUZ, 2013, p. 74). Nos anos de 1906, já foi possível encontrar registros de fotógrafos que foram contratados pelas revistas para registrar eventos sociais e acompanhar comitivas, assim como fotógrafos que enviavam fotografias aos jornais e revistas. Dos anos de 1911 a 1915, destaca-se o fotógrafo J. Marques Pereira, que fotografou o novo prédio do hospital para tuberculosos de Santos (*Correio Paulistano*, 21 jun. 1914, p. 3). Há também os fotógrafos que trabalharam para periódicos, como André Mazza, que é mencionado em nota como fotógrafo da *Ilustração Paulista* (*Ibidem*, 18 dez. 1911, p. 5). Os fotógrafos costumavam também fazer pequenas exposições, tanto em seus próprios ateliês como em outros estabelecimentos, como, por exemplo, Joaquim Alves da Costa (*Ibidem*, 28 dez. 1928, p. 15).

Nota-se um aumento do número de fotógrafos que trabalhavam para revistas a partir de 1915 e é nesse período que surge uma revista sobre fotografia, a *Ilustração Photographica*, no ano de 1919, dirigida pelo fotógrafo A. Barros Lobo, que já atuava como fotógrafo desde o começo do século em São Paulo. A revista tinha o propósito de ser científica, voltada para o ensino da fotografia e de artes correlatas (GRECCO, 2013, p. 132). São muitas as notas sobre fotógrafos que vão a eventos sociais para fotografar visitas de políticos e inaugurações. O fotógrafo André Mazza, segundo as notas do jornal, participou de diversas comitivas com



políticos nesse período, inclusive com o presidente Júlio Prestes numa viagem a Barretos (*Correio Paulistano*, 21 set. 1928, p. 4).

Sobre os fotógrafos ambulantes, foram encontrados alguns requerimentos para atuar na cidade do começo da década de 1900. Há um caso específico, o do fotógrafo Antonio de Piso, que é autorizado a atuar, mas com a condição de não andar pelo centro da cidade de São Paulo (*Ibidem*, 29 nov. 1903, p. 5). Segundo Águeda (2008, p. 78), os fotógrafos imigrantes serão os responsáveis por trazer a atividade para o Brasil. Na década de 1910 surgiram propagandas de uma empresa americana de máquinas fotográficas instantâneas que incentivaram o trabalho ambulante. Um dos fotógrafos que colaborou para o crescimento da atividade foi Francisco Bernardi, que trabalhava com fotografia em sua cidade natal (Bolonha, na Itália) e continuou quando veio ao Brasil, por volta de 1900. Ele fabricava as câmaras modelo Bernardi, que eram utilizadas pelos fotógrafos ambulantes nos jardins e praças (KOSSOY, 2001).

Com relação à Ribeirão Preto, foram encontrados três fotógrafos ambulantes que eram registrados e trabalhavam na praça Schmidt e na praça XV de Novembro em 1916 (REGISTRO, 2006, p. 79-80). De São Paulo foi encontrado apenas um registro de fotógrafo ambulante dessa época (*Correio Paulistano*, 11 jan. 1920, p. 5). Dos anos de 1921 a 1925 foram encontradas muitas notas da Prefeitura de São Paulo informando o resultado de requerimentos de "licença para pontos de fotógrafo". No ano de 1921 o Jornal *Correio Paulistano* publicou o "Acto 1.679, de 9 de dezembro de 1921 – Designa pontos para o estacionamento de photographos" e neles são descritos os locais em que os fotógrafos podiam trabalhar como ambulantes, sendo que cada local tinha uma quantidade certa e um valor de imposto a ser pago. Só no Jardim da Luz existiam 12 pontos, como "figueira", "Garibaldi", "bosque", "macacos" etc., além de outros pontos fora do jardim, como a Praça da República, Largo da Concórdia, entre outros (*Ibidem*, 10 dez. 1921, p. 9). Dos requerimentos encontrados, 28 foram concedidos e oito foram negados e em alguns há justificativas, como o ponto já estar com a quantidade certa de fotógrafos. Outro requerimento encontrado é a "licença para ser fotógrafo" e, nessa época, 18 foram concedidos e quatro foram negados. Em Campinas, a relação entre os fotógrafos ambulantes e a prefeitura, segundo Rodrigues (2014, p. 64), funcionava por meio de abaixo-assinados: os fotógrafos se uniam com o objetivo de pedir a diminuição de impostos, a mudança dos locais e de algumas regras, a autora destaca que os profissionais tinham um conhecimento profundo de seus direitos. O autor cita ainda cinco fotógrafos ambulantes que atuavam na cidade de Campinas por volta de 1930.

A partir da primeira ocorrência, de 1903, e das ocorrências feitas de 1921 em diante, pode-se perceber uma mudança na forma como eram tratados os fotógrafos ambulantes e o aumento da atividade deles, pois, anteriormente, eles não podiam andar pelo centro e alguns anos mais tarde a prefeitura cria a lei municipal 1.679, de 9 de dezembro de 1921, para organizar os fotógrafos pelas praças e jardins para que a população que frequentava esses locais fosse

mais bem atendida.<sup>14</sup> Os locais para os quais foram feitos mais requerimentos em 1921 é o “cascata” no Jardim da Luz, que teve quatro requerimentos concedidos, e a praça da República, que teve três requerimentos concedidos. Sobre os requerimentos negados não há a especificação do local, apenas para alguns foi dada a justificativa de que o local estava lotado.

Outro espaço no qual os fotógrafos atuavam era no registro policial. Em uma nota do fotógrafo José Leal de Lacerda no jornal *Correio Paulistano* (18 out. 1892, p. 2), ele traz informações sobre um indivíduo fichado cuja fotografia ele registrou. O trabalho do fotógrafo da Polícia, naquele momento, incluía também registrar qualquer coisa que estivesse ligado ao crime, como o local, os instrumentos, o corpo e as vestes da vítima; não havia alguém específico para examinar os objetos, somente o corpo era de responsabilidade do médico legista (GIOVANELLI, 2021, p. 337). No Estado de São Paulo não foi criada uma legislação sobre o funcionamento da Polícia após a Proclamação da República, como foi feito no Rio de Janeiro – onde a lei 947/1902 criou o Gabinete de Identificação e o decreto 4.764, art. 60, exigiu fotografia do local do crime (POZZEBON, FREITAS & TRINDADE, 2017, p. 26). Dessa forma, a estruturação seguiu tal legislação até 1930, com diversas regulamentações que foram promulgadas (GIOVANELLI, 2021, p. 336).

A atividade de fotógrafo da polícia é registrada novamente no período de 1901 a 1905, com Berthodo caracterizado como o primeiro fotógrafo da Polícia e Caetano Pierre como ajudante de fotógrafo da Repartição de Polícia (*Correio Paulistano*, 16 mar. 1904, p. 02; 9 out. 1904, p. 1). Em 1906 ocorrem algumas mudanças na forma de organização da Polícia e o Gabinete de Identificação é criado, passando a incluir as antigas funções do fotógrafo e do gabinete antropométrico (GIOVANELLI, 2021, p. 337). José Leal Lacerda, citado anteriormente, é apontado como fotógrafo da Repartição Central da Polícia e Caetano Pierre como fotógrafo do Gabinete Antropométrico da Polícia (*Correio Paulistano*, 26 fev. 1907, p. 3; 6 mar. 1909, p. 2). Em 1910 ocorre outra reforma na Secretaria da Justiça e Segurança Pública e são criadas mais estruturas para a polícia técnica, como o Gabinete de Química Legal, que vai deixar mais clara as funções de cada profissional, com médicos peritos examinando o local, o corpo etc., e o Gabinete de Identificação passa a ser apenas auxiliar nessas situações, registrando fotografias dos elementos periciados (GIOVANELLI, 2021, P. 338). José Leal Lacerda é mencionado como fotógrafo e Caetano Pierre como seu ajudante (*Correio Paulistano*, 24 jun. 1910, p. 2).

Em 1913, o fotógrafo José Leal Lacerda é nomeado parte da Seção de Identificação da Secretaria da Justiça e Segurança Pública e seus ajudantes eram Guilherme de Moraes Nobrega, Cesar Leal de Lacerda e Ferrucino Chierigatti (*Ibidem*, 16 jan. 1913, p. 3). Do ano seguinte, tem-se uma nota que informa que Carlos Tornotti participava de uma comitiva que tinha por objetivo viajar pelo interior do Estado para fazer o serviço de identificação de todos os detentos

---

<sup>14</sup> SÃO PAULO. Ato Prefeito – Pref nº 1.679 de 9 de dezembro de 1921. Designa pontos para o estacionamento de fotógrafos.

para o Gabinete de Identificação (*Ibidem*, 25 maio 1914, p. 4). De 1915 existe uma nota sobre esse serviço de identificação de detentos do interior, a qual informa que o fotógrafo Aristides Grecco, do Gabinete de Investigações e Capturas, acabava de chegar a Santos (*Ibidem*, 9 jun. 1915, p. 4). Do período de 1916 a 1920 foram encontrados apenas alguns registros dos fotógrafos citados acima, que informavam que eles tinham pedido licença ou haviam saído de férias, e uma nota sobre Lacerda Queirós ter acompanhado o segundo delegado à Guaratinguetá para investigar um crime (*Ibidem*, 11 ago. 1916, p. 2).

De 1921 a 1925 foram encontrados registros sobre Ferruccio Chierigatti ter sido nomeado ajudante de fotógrafo da Polícia e de José Leal Lacerda ter feito um requerimento para se aposentar, que posteriormente é aceito (*Ibidem*, 5 abr. 1922, p. 6; 2 abr. 1922, p. 3). Nessa década ocorreram diversas mudanças significativas na estrutura da Polícia ao longo dos anos, como a criação do Gabinete de Investigações e Capturas, que depois passa a chamar Gabinete Geral de Investigações, do qual Ferruccio Chierigatti foi nomeado fotógrafo, com João Gianini, Aristides Grecco, Luiz de Franco e Arthur Fortunato nomeados seus ajudantes (GIOVANELLI, 2021, p. 339; *Correio Paulistano*, 11 jun. 1925, p. 3). Em 1926, o Gabinete Geral de Investigações passa a chamar Gabinete de Investigações e a ele são incorporadas mais funções, que são divididas em várias seções, sendo que uma delas era a Delegacia de Técnica Policial - à qual os fotógrafos passaram a pertencer. Posteriormente, essa seção passou a se chamar Laboratório de Polícia Técnica, tendo incluído mais profissionais e se aproximando mais do que é hoje a perícia criminal, e o Gabinete de Identificação passou a integrar uma unidade separada (GIOVANELLI, 2021, p. 339). No ano de 1927 foram nomeados nove fotógrafos e ajudantes de fotógrafos para seções diferentes, sendo que para o Laboratório foram nomeados sete fotógrafos e para o Gabinete de Identificação foram nomeados outros dois fotógrafos. Entre 1929 e 1930 foi mencionada a Seção Eleitoral do Gabinete de Investigações, que nomeou cinco fotógrafos e ajudantes de fotógrafos.

Dos anos de 1926 a 1930 foram encontradas mais notas que mostram fotógrafos em trabalhos técnicos para além da perícia policial. As notas citam o fotógrafo José Fernandes, que trabalhava no "Instituto Serumtherápico" do Butantã, e João Carvalhaes de Vasconcelos Júnior, que era fotógrafo do Instituto de Higiene de São Paulo, cargo que foi criado em 1925, na reorganização do quadro de funcionários, pelo decreto n. 3.875, de 11 de julho de 1925 (*Correio Paulistano*, 12 ago. 1926, p. 3; 5 abr. 1927, p. 6).<sup>15</sup>

Do começo da década de 1900, começou-se a encontrar as notas sobre os fotógrafos que estavam em comitivas viajando pelo Estado, como por exemplo, Adão Gonçalo Damasceno, que viajava com destino a Bela Vista do Juquiá com uma comitiva para fazer o reconhecimento e estudo das cachoeiras do rio Juquiá (*Correio Paulistano*, 17 jul. 1904, p. 3); Donato Pretor,

<sup>15</sup> SÃO PAULO (Estado). Decreto n. 3.875, de 11 de julho de 1925. Reorganisa o quadro dos funcionarios do Instituto de Hygiene.

fotógrafo que fazia parte de uma comitiva que estava em Amparo para a exploração e levantamento da planta do Rio Tietê (*Ibidem*, 10 jun. 1905, p. 3); Araldo Santos, fotógrafo do Instituto Agrônômico que partia com uma comissão para uma excursão pelo sul do Estado de São Paulo e Guerreiro Vargas, fotógrafo da Secretaria da Agricultura, que integrava a comitiva que foi a uma excursão pela zona cortada pelo traçado da projetada Estrada de Ferro Elétrica (*Ibidem*, 13 set. 1905, p. 1; 20 out. 1905, p. 3). Do mesmo modo, a Companhia Paulista também contratava fotógrafos para registrar suas obras e inaugurações, como no caso de Otto Rudolf Quaas, que em 1901 registrou os trechos do ramal de Rincão a Martinho Prado por ocasião da inauguração. Segundo Kossoy (2001), o fotógrafo foi muito importante no registro do interior do Estado.

Com relação aos anos a partir de 1905, foram encontradas diversas ocorrências de fotógrafos que estavam viajando pelo Estado com a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo. A instituição, que havia sido criada na época do império, passa a intensificar seus trabalhos naquele momento com o objetivo de contribuir na expansão da malha de infraestrutura essencial à economia cafeeira. As viagens acompanhando o rio Tietê e o rio Paraná tinham a finalidade de reconhecer as cachoeiras e as viagens seguindo os rios Feio, Aguapé e Peixe, tinham a finalidade de reconhecer o "sertão" e abrir novos caminhos (FIGUERÔA, 2008, p. 768-769). Segundo Figuerôa (*Ibidem*, p. 770), a documentação fotográfica é muito farta nos relatórios. José de Carvalho, por exemplo, participava da Comitiva Geográfica e Geológica que partia para o interior do Estado (*Correio Paulista*, 26 abr. 1906). O registro visual dos elementos geográficos é o principal motivo da participação do fotógrafo.

Os objetivos das comitivas eram diversos. O fotógrafo Vicente Pastore, que era de São Paulo, estava em Salto para registrar os edifícios e pontos pitorescos da cidade, e essas fotografias faziam parte do relatório da prefeitura da cidade (*Ibidem*, 5 out. 1913, p. 5); Conrado Wessel estava em Salto do Paranapanema para a inauguração do prolongamento da Sorocaba Railway até o porto de Itibiriçá (*Ibidem*, 16 fev. 1914, p. 1); J. Ferraz Júnior estava na comitiva que partiu para Villa Olímpia e Cajobi e João Stanzioni estava na comitiva da Secretaria de Agricultura que partia para Nova Odessa (*Ibidem*, 14 abr. 1914, p. 4; 18 jan. 1915, p. 2). Algumas comitivas até ultrapassam o limite do Estado, como a que o fotógrafo Augusto Pinho integrou e que partia para Manaus para trabalhar na delimitação da fronteira com a Bolívia (*Ibidem*, 15 out. 1910, p. 1).

Um dos eventos que ocorreram nesse período foi o I Congresso de Estradas de Rodagem, em São Paulo, no ano de 1917. O fotógrafo Fitz Geraldo, que tinha um ateliê na rua Direita, registrou todo o evento, que teve diversas excursões pelas rodovias (*Ibidem*, 9 jun. 1917, p. 4). Em 1919 ocorreu o II Congresso de Estradas de Rodagem, dessa vez em Campinas, tendo sido registrado por Aroldo Egydio de Souza Aranha, o fotógrafo aparentemente era de Campinas e realizava muitos trabalhos pela região (*Ibidem*, 4 out. 1919, p. 3).

Através das fontes selecionadas foi possível observar o destaque que alguns usos da fotografia ganharam ao longo do período, como a produção de álbuns, principalmente urbanos e rurais; o registro dos eventos sociais, sobretudo para as revistas ilustradas; o trabalho do fotógrafo nas comitivas de exploração e na polícia e a atividade ambulante.

Comparando os estudos já realizados especificamente sobre fotografia citados aqui e as informações que as fontes analisadas para este trabalho trouxeram à tona, foi possível verificar que algumas atividades dos fotógrafos são confirmadas, como a atividade ambulante, a produção de retratos e álbuns de família e de vistas, o registro de eventos e obras. Por outro lado, as fontes destacam uma crescente ocorrência e detalhamento de atividades nas quais a bibliografia analisada ainda pouco se aprofundou, mencionando-as de uma forma mais geral. Destaca-se, como exemplo, o trabalho do fotógrafo na Polícia. Por meio das notas de jornais, foram obtidas informações sobre os cargos que os fotógrafos ocupavam e principalmente os nomes dos profissionais, assim como a participação deles em comitivas de exploração do território paulista.

## **Considerações finais**

Verifica-se, ao longo dessa pesquisa, como é diversa e irregular a difusão da atividade profissional fotográfica na sociedade paulista no início do século XX, tanto pelo Estado, com a instalação dos ateliês, como nos serviços que os fotógrafos passam a realizar. Também foi possível apurar alguns aspectos sobre a forma como os fotógrafos trabalhavam - por vezes sozinhos, mas também em sociedade com outro fotógrafo, sendo que em algumas dessas sociedades o fotógrafo ensinava o ofício para o colega, ajudando-o a entrar no mercado.

A localização dos ateliês mostra a grande concentração de fotógrafos na capital e a distribuição deles pelas ruas centrais e dos bairros que vão se formando nesse período. Já no interior, a dispersão de ateliês acontece de forma diferente. Uma das razões se deve às fontes consultadas: os periódicos trazem a dimensão qualitativa das atividades que envolvem fotografia, já os almanaques e a estatística trazem a dimensão quantitativa de ateliês e fotógrafos. Tem-se a indicação de que podem ter existido mais fotógrafos em anos anteriores ou posteriores aos que a consulta aos periódicos permitiu conhecer, visto o alto número de profissionais encontrados na Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1912. Outro questionamento levantado, e para o qual não foi possível obter resposta, é por qual motivo as cidades que possuíam a mesma população não tinham o mesmo número de fotógrafos - Guaratinguetá por exemplo, tinha 55.000 habitantes em 1912, número próximo ao da cidade de Ribeirão Preto, porém não foi encontrado registro sobre qualquer fotógrafo atuante na cidade, enquanto Itatiba, que possuía naquele ano 27.583 habitantes, tinha dois fotógrafos (IBGE, 1916, v. 1, p. 345). Os dados encontrados apontam que cidades como Campinas, Ribeirão Preto e

Santos, as mais populosas do Estado por volta de 1912, possuíam poucos fotógrafos. Essa desproporção não foi identificada em outras cidades do mesmo porte.

Desse modo, além da questão das fontes consultadas, também é necessário rever a bibliografia sobre o tema. Foi possível encontrar grande concentração de pesquisas sobre a cidade de São Paulo ou que têm por objetivo principal a análise da fotografia, como a de Lima e Carvalho (1997); Goulart e Mendes (2007); Lima (1991); Turazzi (1995); Leite (1993); e Oliveira (2018). São pontuais as pesquisas sobre outras cidades e que trazem informações sobre fotógrafos, como a de Ribeiro sobre Campinas (IBGE, 1916, v. 1, p. 345); a de Registro sobre Ribeirão Preto (*Idem*); a de Costa (2015) sobre Araraquara e a de Cavenaghi (2004) sobre São José do Rio Preto. Apenas Kossoy (2001) traz uma análise do Estado - porém se limita até o início do século XX. Assim, o apoio da bibliografia é um pouco restrito em relação ao número de fotógrafos. Este trabalho mostra uma quantidade significativa de cidades não contempladas em pesquisas sobre o tema e essa ausência dificulta que se chegue a conclusões mais consistentes. Com relação às atividades, tem-se os trabalhos de Águeda (2008) e Rodrigues (2014), que tratam da atividade ambulante, porém as informações encontradas sobre os fotógrafos da Polícia ou de instituições de pesquisa e exploração são de trabalhos sobre as instituições e não sobre a inserção do profissional na área.

Enfim, progressivamente, o serviço fotográfico passa a integrar de fato não apenas a vida social e os meios de comunicação, mas também as instituições públicas (policial, agrícolas, escolares, sanitárias) e privadas (fazendas, construtoras, fábricas, companhias de ferro). Desse modo, verificou-se a institucionalização da fotografia na sociedade, como nos setores de identificação policial - inclusive com regulamentação legal específica sobre salário e funções a serem exercidas dentro da instituição. O fotógrafo passa a ter mais opções de trabalhos e especializações para seguir, além do trabalho no ateliê.

## Referências

### Fontes

*Correio Paulistano*, São Paulo (SP), 1900-1930.  
*Commercio de São Paulo*, São Paulo (SP), 1900-1910.  
*Jornal de Piracicaba*, Piracicaba (SP), 1901-1902.  
*Lavoura e Commercio*, São Paulo (SP), 1900.  
*Correio do Sertão*, Santa Cruz do Rio Pardo (SP), 1903.  
*O Gury*, Queluz (SP), 1901.  
*Vida Paulistana*, São Paulo (SP), 1905; 1908.  
*A Lanterna*, São Paulo (SP), 1911; 1913.

### Legislação

SÃO PAULO (Estado). Decreto n. 3.875, de 11 de julho de 1925. Reorganisa o quadro dos funcionarios do Instituto de Hygiene. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1925/decreto-3875-11.07.1925.html>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SÃO PAULO. Ato Prefeito – Pref nº 1.679 de 9 de dezembro de 1921. Designa pontos para o estacionamento de fotógrafos. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/atogabinete-do-prefeito-1679-de-9-de-dezembro-de-1921>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SÃO PAULO. Lei nº 2365, de 17 de fevereiro de 1921. Auctoriza a prefeitura a conceder ao artista brasileiro Valerio Vieira, o auxílio de 30:000\$000, para a confecção de uma photographia panoramica da capital, a ser exhibida por ocasião das festas do centenario. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-2365-de-17-de-fevereiro-de1921>. Acesso em: 19 jul. de 2021.

### Documentos Estatísticos

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística. *Anuário estatístico do Brasil de 1908 a 1912. Rio de Janeiro: Directoria Geral de Estatística do Ministério da Agricultura, Indústria e Commércio*, v. 01, 1916. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1908\\_1912\\_v1.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1908_1912_v1.pdf). Acesso em: 26 jul. 2021.

### Bibliografia

ÁGUEDA, Abílio Afonso da. O fotógrafo Lambe-lambe: guardião da memória e cronista visual de uma comunidade. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:

- [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ\\_8f30bd1c4cf9dcae08e60606bf179b12](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_8f30bd1c4cf9dcae08e60606bf179b12). Acesso em: 23 jun. 2021.
- ARRUDA, Rogério Pereira de. A expansão da fotografia em Minas Gerais um estudo por meio da imprensa, 1845-1889. *Varia Historia*, v. 30, p. 231–256, 2014.
- CAMARGO, Mônica Junqueira de; MENDES, Ricardo. *Fotografia: cultura e fotografia paulistana no século XX*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- CAMERA, Patricia. Curadoria do Fundo Foto Bianchi: cultura fotográfica em Ponta Grossa e região. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 26, 2018.
- CAVENAGHI, Airton José. *Olhos do barão, boca do sertão: uma pequena história da fotografia e da cartografia no noroeste do território paulista (da segunda metade do século XIX ao início do século XX)*. 2004. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.
- CIAVATTA, Maria. O mundo do trabalho em imagens: memória, história e fotografia. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 12, n. 1, p. 33–45, 2012.
- COSTA, Helouise. No limite da invisibilidade: mulheres fotógrafas no Brasil na primeira metade do século XX. In: COSTA, Helouise; ZERWES, Erika. *Mulheres fotógrafas/Mulheres fotografadas: fotografia e gênero na América Latina*. São Paulo: Intermeios, 2021.
- COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. *Fotografia e Memória em Araraquara*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.
- CRUZ, Heloisa Faria da. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915*. São Paulo: APESP, 2013.
- DAZZI, Camila. O uso da fotografia por artistas brasileiros ao final do século XIX. *Esboços: histórias em contextos globais*, v. 19, n. 28, p. 169-191, 2012.
- FABRIS, A. A fotomontagem no Brasil: uma trajetória possível. *Artcultura*, v. 22, n. 40, p. 6-27, 10 jun. 2020.
- FABRIS, Annateresa. A fotografia e o sistema de artes plásticas. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1991.
- FABRIS, Annateresa. A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1991.
- FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. "Batedores da ciência" em território paulista: expedições de exploração e a ocupação do "sertão" de São Paulo na transição para o século XX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 15, n. 3, p. 763-777, 2008.
- FREHSE, Fraya. Cartões postais paulistanos da virada do século XX: problematizando a São Paulo "moderna". *Horizontes Antropológicos*, v. 6, n. 13, p. 127-153, 2000.
- GIOVANELLI, A. Consolidation of the scientific police in the first decades of the republican period: São Paulo and Rio de Janeiro (DF) in perspective. *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics*, v. 10, n. 3, p. 324-349, 2021. DOI: [https://doi.org/10.17063/bjfs10\(3\)y2021324-349](https://doi.org/10.17063/bjfs10(3)y2021324-349).
- GOULART, Paulo Cezar Alves; MENDES, Ricardo. *Noticiário geral da photographia paulistana 1839-1900*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo; Imprensa Oficial, 2007.
- GRECCO, Priscila Miraz de Freitas. Dois mundos que se enfrentam: uma introdução ao embate entre arte e fotografia na cidade de São Paulo por meio dos boletins do Foto Cine Clube



- Bandeirante na primeira metade do século XX. *Patrimônio e Memória*, v. 9, n. 2, p. 125-151, 2013.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística. Anuário estatístico do Brasil de 1908 a 1912. Vol. 1. Rio de Janeiro: Directoria Geral de Estatística do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1916. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1908\\_1912\\_v1.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1908_1912_v1.pdf). Acesso em: 26 jul. 2021.
- KOSSOY, Boris. Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: IMS, 2002.
- KOSSOY, Boris. História e fotografia. Cotia, SP: Ateliê Ed., 2001.
- LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 19, n. 1, p. 283-302, 2012.
- LEITE, Miriam Moreira. Retratos de família: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993.
- LIMA, Solange Ferraz de. O circuito social da fotografia: estudo de caso II. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1991.
- LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo. Álbuns de São Paulo (1887-1954)*. São Paulo: Mercado de Letras, 1997.
- MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de S. Paulo. *História (São Paulo)* [online], v. 26, n. 2, p. 61-91, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742007000200005>.
- MALTA, Albertina Otávia Lacerda. Coleção Francisco Rodrigues—a digitalização de fotografias dos séculos XIX e XX para o portal Domínio Público, uma estratégia de preservação e difusão da memória. In: *Conference on Technology, Culture and Memory – CTCM, 2011*. Disponível em: [http://www.liber.ufpe.br/ctcm2011/anais/anais\\_ctcm/8\\_Colec\\_fco\\_rod%20.pdf](http://www.liber.ufpe.br/ctcm2011/anais/anais_ctcm/8_Colec_fco_rod%20.pdf). Acesso em: 3 jan. 2022.
- MAUAD, Ana Maria. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008.
- MENEZES, Ulpiano T. B. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.
- MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. O império do retrato: fotografia e poder na sociedade oitocentista. *Projeto História*, v. 34, n. 1, 2009.
- NEPOMOCENO, Enzo Daltoé; GRIGOLETO, Maira Cristina. Paisagem urbana do Centro de Vitória (ES) no início do século XX: a fotografia no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. *Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo*, v. 4, n. 8, 2020.
- OLIVEIRA, Eduardo Romero. Vistas fotográficas das ferrovias: a produção de registros de obra pública no Brasil do século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 25, n. 3, p. 695-723, 2018.
- POZZEBON, B. R. da S.; FREITAS, A. C.; TRINDADE, M. B. Fotografia Forense – Aspectos históricos – Urgência de um novo foco no Brasil. *Revista Brasileira de Criminalística*, v. 6, n. 1, p. 14-51, 2017.

- REGISTRO, Tânia Cristina. História da Fotografia: levantamento documental sobre a fotografia em Ribeirão Preto (1890-1950). 2006. Disponível em: <https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/files/scultura/pdf/historia-foto-rp-arquivo.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.
- RIBEIRO, Suzana Barretto. Italianos no Brás: imagens e memórias (1920-1930). 1994. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1994.
- RIBEIRO, Suzana Barretto. Percursos do olhar na fotografia profissional e amadora: Campinas (1900-1915). 2003. Tese (Doutorado e, História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2003.
- RODRIGUES, Flavia de Matos. Ambulantes em Campinas: estratégias de resistência e sobrevivência no espaço urbano (1929-1940). 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI: [doi.org/10.11606/D.8.2014.tde-15122014-111402](https://doi.org/10.11606/D.8.2014.tde-15122014-111402).
- SCHIAVINATTO, Iara Lis Franco. Apontamentos para uma breve história intelectual do fotográfico. sobre Hercule Florence. Atlante, v. 7, p. 1-40, 2017.
- SCHIAVINATTO, Iara Lis Franco; COSTA, Eduardo Augusto. Cultura visual: apontamentos sobre um campo disciplinar. In: SCHIAVINATTO, I. L. F.; COSTA, E. A. (Orgs.). Cultura visual & história, São Paulo: Alameda, p. 9-31, 2016.
- STUMVELL, Denise. Os frágeis suportes da memória: preservação e acesso ao banco de imagens do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa – Musecom. Simpósio A fotografia na construção da memória da cidade. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/biev/musecom-os-frageis-suportes-da-memoria/>. Acesso em: 3 jan. 2022.
- TURAZZI, Maria Inez. Paisagem construída: fotografia e memória dos “melhoramentos urbanos” na cidade do Rio de Janeiro. Varia História, v. 22, n. 35, p. 64-78, 2006.
- TURAZZI, Maria Inez. Poses e trejeitos: A fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889). Rio de Janeiro: Rocco, 1995.